

LEITURAS DE HISTÓRIAS E HISTÓRIAS DE LEITURAS; OS EVENTOS, OS ATENDIMENTOS E A BIBLIOTECA DO SETOR DE TEORIA DA LITERATURA; O REGISTRO EM CADERNOS, FOTOGRAFIAS, DEPOIMENTOS, ENTREVISTAS SOBRE A MONITORIA

Uma história fotográfica da monitoria

Gabriela Hasegawa Rodrigues

Com o objetivo de valorizar e contar o que é exercer o trabalho de monitoria, uma história do setor de Teoria da Literatura foi, pela primeira vez, registrada de uma nova forma. Como estudante de Letras, decidi contar minha própria experiência sobre o que é ser monitora através da fotografia. Unir duas das minhas maiores paixões: Literatura e Fotografia. É assim que guardo tudo aquilo que vivo, por meio de diários e fotos. Não poderia ser diferente quanto aos momentos que passei exercendo este trabalho.

A metodologia a qual me embasei envolvia leituras relacionadas ao curso de Teoria da Literatura III em que estudamos as relações de história e literatura, incluindo história e fotografia sobre o ponto de vista de Walter Benjamin. No texto *Pequena História da Fotografia*, Benjamin diz: “A fotografia mostra o passo inconsciente que o indivíduo dá. Ela tem a mágica de capturar o sentimento daquele momento, mesmo que seja imperceptível aos olhos. Ao olhar para trás, ao olhar a fotografia, você vê exatamente aquilo que o observador mais quer ver, mas no momento, não consegue.” Quantas vezes se quis guardar uma história, a nossa história como vem na nossa cabeça, através de figuras exatas em nossa memória, de repente, às vezes quando comemos um simples biscoito, como Proust? Para ele, apenas a arte como escrever um livro se pode guardar essas memórias que vem sem que se dê conta, quando menos se espera. E por que a fotografia não pode ser esse livro de memórias? É, então, através dessa ponte traçada com a memória que quis “escovar a contrapelos” (BENJAMIN) minha própria formação acadêmica a fim de mostrar - com depoimentos, entrevistas e fotos - as experiências que vivi prestando orientação àqueles que necessitavam, além de lidar com o imprevisto de exercer a função de transcritora. Assim, aproximei-me mais da significação do que é ser docente.

Pude auxiliar alunos que cursaram a mesma matéria que eu, mas que viram conceitos e temas de um modo distinto ao meu. Este ato de estudar gerou uma facilidade para atividades futuras advindas de meu próprio decorrer acadêmico, o qual necessitou utilizar os textos que trabalhei com esses alunos. Também ampliei ainda mais o meu conhecimento e tive a oportunidades de construir novas amizades. Tive o prazer de tornar um gosto ler poesia a uma amiga. Com o livro *Toda Poesia*, do Paulo Leminski, demonstrei como o gênero poético desenvolve nossa capacidade de criação e interpretação, além de traçar um jogo com as palavras que nos faz transpor as barreiras do real e voltar-nos para nós mesmos e para aquilo que sentimos. Ela identificando-se com uma poesia, pôde vivenciar tudo aquilo que geralmente se explica e bastou essa vivência para a poesia tornar-se também mais um amor.

Auxiliei os professores em eventos de grande responsabilidade e enriquecimento acadêmico, os quais me levaram a ter um maior contato com assuntos diversificados ligados à literatura e estar mais próxima aos docentes, compreendendo ainda mais seus exercícios administrativos e acadêmicos. Trabalhei também como transcritora de um aluno inteligentíssimo com necessidades especiais que teve receio de fazer suas provas de Teoria da Literatura com a sua escrita irregular – consequência de sua restrição motora - já criticada anteriormente. Essa experiência me ensinou a lidar com imprevistos, ter um olhar mais cuidadoso sobre as pessoas e sobre as estruturas que embasam nossa sociedade e nosso dia a dia.

Dentro do setor de Teoria da Literatura, acrescentei algumas leituras indispensáveis a minha formação devido ao acervo de livros que todos os alunos de Letras podem usufruir. Eu mesma catalogava os livros, CDs e DVDs, fazia empréstimos a quem procurasse os livros e aproveitava as reuniões de grupos de estudos dos professores para adquirir mais conhecimento. Usava o espaço para, inclusive, reunir meus amigos a fim de realizar um estudo aprofundado para a realização de uma tarefa em grupo da própria disciplina de Teoria que cursava com a professora Carlinda Nuñez e conseguir ajuda com o outro monitor, Hugo. Em todas essas situações, procurava fazer registros, seja por meio de depoimentos daqueles que ali se encontravam presentes, seja pelo principal meio, o fotográfico, que guardassem aquilo que eu estava vivenciando, ensinando e aprendendo.

Ao juntar esses momentos, o meu processo de formação acadêmica enriqueceu vigorosamente visto que é necessário um constante estudo para prestar monitoria, assim como ter que lidar com pessoas diferentes, contextos diferentes sempre acrescentando um olhar literário, cuidado que transforma minha visão sobre o mundo. Assim, com este olhar mais apurado, pude perceber uma relação muito pessoal dos indivíduos com seus livros – e por consequência da literatura que se torna parte da vida através desses – visto que, ao organizar uma caixa destinada a doações, encontrei diversos itens que diziam muito sobre aquele o qual, um dia, o livro pertenceu. Boletins escolares de 1971, fotografias, nota fiscal de uma loja que já não existe mais, dedicatórias lindas, um convite para uma festa, entre muitos outros artigos que mostraram para mim que há um pouco de nós em cada livro que lemos, assim como as histórias dessas páginas, das nossas experiências, das nossas vivências familiares. Um trabalho como a monitoria é parte significativa de uma construção de nós mesmos ao longo da vida.

Com a fotografia, pude mostrar que esta exprime, em imagens, aquilo que lemos nos livros de literatura. As fotos, nada mais são, que imagens de nossa imaginação. São capazes de nos tirar do nosso ambiente diário, lembrar algo que vivemos, ou imaginar novas experiências e histórias. A imagem assim como o livro pode transpor todos nós a um outro mundo e podemos criar tudo aquilo que nossa mente nos permitir. Através da realização deste trabalho, obtive a oportunidade de contar a minha história a fim de inspirar os próximos alunos que forem monitores, assim como a qualquer outra pessoa que se comprometa a exercer uma função, seja profissional ou familiar, a prestar atenção nas minúcias, tomar atitudes que os levem realmente a obter o maior proveito daquilo que se propuseram a fazer parte.

Apresentei-me, então, na 14ª Semana de Graduação, da 25ª UERJ Sem Muros. Sem essas invenções, eu não teria a chance que obtive este ano. A história de pessoas (que inventaram e proporcionaram o evento e a de quem me orientou no trabalho) precisou acontecer para que a minha pudesse ser escrita. A vida é essa teia intrínseca. Ela tem aquele quê do aspecto maravilhoso, da poesia, da narrativa, da rapsódia, da epopeia e até da dissertação. Há a interligação de diversas histórias que torna a vida menos simplista do que como os livros históricos cismam em contar e esquecem-se de todos os pormenores que só a literatura viria trazer em pauta. E como diria Machado de Assis: caro leitor, escreva uma página bonita na história de sua vida, doe livros (como dizia o slogan da campanha de arrecadação) e seja monitor.